

VOZES-ESPELHO: O ENCONTRO COM O COMUM E A ALTERIDADE NO PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DE GRUPOS DE RECOVERY E EMPOWERMENT EM SAÚDE MENTAL

Mirror voices: the encounter with the common and the alterity in the university extension project of Recovery and empowerment groups in mental health

Marcela Pimenta Guimarães Muniz¹

Carina Félix da Silva²

Nicole Cabral Cardoso Malheiros³

Marcela Albuquerque de Oliveira Campos⁴

Vitória Costa Oliveira⁵

Stéphanie Santos Perri⁶

Matheus Marques Ferreira⁷

Artigo encaminhado: 31/08/2020

Artigo aceito para publicação: 30/03/2021

RESUMO: Este estudo teve como objetivo construir uma reflexão crítica sobre o encontro com o Comum e a Alteridade enquanto componentes da experiência no âmbito do Projeto de Extensão Universitária de Grupos de *Recovery* e *Empowerment* em Saúde Mental da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense. A justificativa deste artigo se dá pela necessidade de se oferecer estudos que versem sobre a realidade das práticas de *Recovery* em grupo, uma vez que são intervenções em consonância com a desinstitucionalização da vida. Como resultados e discussão crítica sobre a experiência do Projeto com os componentes do encontro com o Comum e

¹ Mestre e Doutora em Ciências do Cuidado pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Enfermeira pela Universidade Federal Fluminense. Docente na Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da UFF. Coordenadora do Projeto Produzindo *Recovery* e *Empowerment* em Saúde Mental através de Grupos Presenciais e Virtuais da UFF. E-mail: marcelamuniz@id.uff.br

² Especialista em Atenção Primária à Saúde com Ênfase em Saúde da Família. Enfermeira pela Universidade Federal Fluminense. Mestranda no Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde na Universidade Federal Fluminense (PACCS/UFF). Email: carinafelix@id.uff.br

³ Enfermeira pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora do Projeto "Produzindo *Recovery* e *Empowerment* em Saúde Mental através de Grupos Presenciais e Virtuais". E-mail: nicolemalheiros@id.uff.br

⁴ Enfermeira pela Universidade Federal Fluminense. Residente Multiprofissional em Saúde Mental IPUB/UFRJ. E-mail: marcelaalbuquerque@id.uff.br

⁵ Enfermeira pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora do Projeto " Produzindo *Recovery* e *Empowerment* em Saúde Mental através de Grupos Presenciais e Virtuais" da UFF. E-mail: vitoriacosta@id.uff.br

⁶ Acadêmica do curso de graduação de Enfermagem e Licenciatura da Universidade Federal Fluminense. Membro do Projeto Produzindo *Recovery* e *Empowerment* em Saúde Mental através de Grupos Presenciais e Virtuais da UFF. E-mail: stephanie_perri@id.uff.com

⁷ Residente Multiprofissional em Saúde Mental IPUB/UFRJ. Enfermeiro pela Universidade Federal Fluminense. Mestrando em Ciências do Cuidado pela Universidade Federal Fluminense (PACCS/UFF). E-mail: matheus_marques@id.uff.br

Alteridade, o estudo apontou que pessoas que partilham de adversidades semelhantes percebem-se umas nas outras e enxergam umas às outras. Para uma leitura leiga, o Comum pode ser entendido como corriqueiro ou trivial e para a psicanálise poderia ser lido do ponto de vista da identificação que reforça algum narcisismo. No entanto, na esquizoanálise e filosofia da diferença, traz-se este encontro com o Comum como dispositivo produtor do aumento da potência de vida. Trata-se da produção de potência causada pela repetição na diferença, ou pelo que o escritor Manoel de Barros trouxe sobre “repetir, repetir, até ficar diferente”. Concluiu-se, através desta construção crítica sobre a experiência do Projeto com os componentes em questão, que perceber no outro vivências e dores semelhantes contribui para que cada um valide e legitime sua própria experiência, criando o contato com feedbacks em bons encontros e produzindo vontade de potência.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Grupos de Saúde Mental. Recovery. Suporte por Pares. Esquizoanálise.

ABSTRACT: This study aimed to build a critical reflection on the encounter with the Common and Alterity as components of the experience within the University Extension Project of Recovery and Empowerment Groups in Mental Health at the Aurora de Afonso Costa School of Nursing at the Federal University Fluminense. The justification for this article is given by the need to offer studies that deal with the reality of group Recovery practices, since they are interventions in line with the deinstitutionalization of life. As results and critical discussion about the Project's experience with the components of the encounter with the Common and Alterity, the study pointed out that people who share similar adversities perceive themselves and see each other. For a layman's reading, the Common can be understood as commonplace or trivial and for psychoanalysis it could be read from the point of view of identification that reinforces some narcissism. However, in schizoanalysis and philosophy of difference, this encounter with the Common is brought about as a flame that produces increased life potency. It is the production of potency caused by repetition in difference, or by what the writer Manoel de Barros brought about “to repeat, to repeat, until it becomes different”. It was concluded, through this critical construction about the Project's experience with the components in question, that perceiving similar experiences and pain in the other contributes to each one validating and legitimizing their own experience, creating contact with feedbacks in good encounters and producing desire of potency.

Keywords: University Extension. Mental Health Groups. Recovery. Peer Support. Schizoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

A Saúde Mental busca a resignificação dos modos de se conceber as experiências psíquicas e emocionais, superando as leituras estritamente

psiquiátricas e biomédicas ao propor a desinstitucionalização das maneiras de se perceber as subjetividades, voltando a atenção para o sujeito em sua história, suas particularidades e diferenças e buscando restaurar sua autonomia e cidadania, na perspectiva de promoção da vida (MUNIZ et al., 2015).

Neste universo, como uma forma de caminhar pelo cuidado centrado na pessoa, conta-se com um Projeto Universitário para o emprego de práticas de Saúde Mental embasadas nos princípios de *Recovery* e *Empowerment*. Trata-se do Projeto de Extensão de Grupos de *Recovery* e *Empowerment* em Saúde Mental da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, da Universidade Federal Fluminense (EEAAC/UFF).

Em seu arsenal teórico, o Projeto traz a noção de que produzir *Recovery* é permitir que a própria pessoa seja a principal condutora de seus processos de saúde mental e não o sistema psiquiátrico, o que a retira da Psiquiatria enquanto instituição total (LONDGEM; CORSTENS; DILLON, 2013). Vasconcelos (2014) traz o conceito de Empoderamento (originalmente *Empowerment*) como o aumento do poder e autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais”.

Com relação à origem da palavra *Recovery*, não existe um consenso entre os estudiosos da Reforma Psiquiátrica Brasileira no que tange à tradução, sendo esta a razão para o uso em seu idioma original (VASCONCELLOS, 2014).

Importante, por isso, destacar que *Recovery* não se trata de que uma possível doença tenha desaparecido e sim que, dependendo do suporte e das mudanças sociais, ambientais e culturais, pode-se retomar uma vida mais ativa no âmbito social, do modo que for mais compatível com os interesses e valores do próprio sujeito. E esta perspectiva pode ser empregada a todo e qualquer grupo humano. Assim, torna-se indispensável o que Vasconcellos (2014) descreve sobre o termo *Recovery* ter sido apropriado pelo movimento de pessoas em sofrimento psíquico como um processo tanto pessoal quanto coletivo de mudanças que podem produzir uma vida com mais satisfação, participação social, com o desenvolvimento de sentidos e objetivos para a vida.

O campo da saúde mental é plural e coletivo, ao mesmo tempo em que pode ser singular e individual. No projeto de grupos de saúde mental, o que determina o objetivo e finalidade de sua intervenção é o encontro. É no encontro que se firmam vínculos, tece-se o cuidado e desenvolve-se, a partir das

multifaces do ser, o que é chamado por Lévinas (2005) de “responsabilidade pelo outro”.

A justificativa deste artigo se dá pela necessidade de se oferecer estudos que versem sobre a realidade das práticas de Recovery em grupo, uma vez que são intervenções de saúde mental sem o enquadramento biomédico das experiências e, portanto, em consonância com a desinstitucionalização da vida, resgate do papel social do indivíduo assim como o aumento de sua autonomia (ANASTÁCIO, FURTADO, 2012).

O objetivo deste artigo foi construir uma reflexão crítica sobre a Alteridade e o encontro com o Comum enquanto componentes da experiência acadêmica no âmbito do Projeto de Extensão de Grupos de Recovery e Empowerment em Saúde Mental da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense (EEAAC/UFF).

2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizou-se uma metodologia científica de abordagem qualitativa do tipo reflexão crítica, onde o pesquisador investiga todos elementos que contribuem com a construção do conhecimento, voltada para os componentes da Alteridade e do encontro com o Comum que emergiram das experiências do Projeto de Grupos de *Recovery* e *Empowerment* em Saúde Mental da EEAAC/UFF (MOREIRA, 2018).

O Projeto de Extensão surgiu em 2015, sob coordenação da primeira autora deste artigo. Iniciou com a oferta de Grupos de Ouvidores de Vozes à população de Niterói e região. Hoje, ao ampliar o quantitativo de grupos e também o tipo de público, vem desenvolvendo ações junto aos diversos grupos populacionais. Encontra-se atualmente no formato online desde março de 2020 devido à pandemia pelo COVID19. As ações de *Recovery* e *Empowerment* através do Projeto de Grupos de Saúde Mental da EEAAC/UFF contam hoje com participantes de 19 a 58 anos que vivenciam adversidades cotidianas de diferentes tipos e seus desdobramentos psíquicos e emocionais, expressando suas singularidades nos grupos seja por Vozes internas - subjetivas -, seja por Vozes externas a sua mente (DOCHERTY et al., 2015).

Os encontros dos grupos que compõem o projeto de Saúde mental, ocorrem de forma remota, com o uso de plataformas online. As reuniões são

realizadas semanalmente, onde os grupos são intercalados quinzenalmente, a somar duas reuniões por mês de cada. A duração de cada encontro é de 1 hora e meia e os temas são abertos, voltados para as questões cotidianas, começando por um tema geral para então de forma gradativa e espontânea se encaminhar para as respectivas narrativas individuais. Estas reuniões são facilitadas pela Professora coordenadora do projeto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O encontro com o Comum e Alteridade nos Grupos de *Recovery* e *Empowerment* em Saúde Mental

No decorrer das ações em grupo, um aspecto que se destacou na experiência do Projeto Universitário foi o “comum” que emerge do encontro das singularidades. Fez-se aqui a escolha estético-política, a partir de Deleuze e Guattari (2012) e Rancière (2014), de nomearmos este componente como encontro com o Comum e Alteridade.

O encontro com o Comum aqui empregado está relacionado ao conceito de Rancière (2014), que o apresenta como uma partilha do sensível. “Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas.” (RANCIÈRE, 2014, p.7)

Já a noção de alteridade é considerada como vivência dentro do encontro do eu com o outro (SILVA e MARTINS, 2018). Trata-se de vestir os óculos do outro para experimentar a realidade do outro a partir da própria Alteridade como aquilo do outro que pede passagem. Não se trata do “Outro” no lugar da psicanálise e sim do encontro com o outro sob o olhar da Esquizoanálise.

Nos grupos, cada participante traz suas singularidades, seu ponto de partida para perceber um acontecimento. No entanto, apesar de cada um ter suas experiências singulares, elas não são deslocadas de um contexto. Isto significa dizer que as experiências não são paralelas como aquilo que não se encontraria – ou aquilo que não possui aspectos em comum.

Nos encontros dos grupos, cada participante pode notar que não está sozinho naquilo que sente. Por vezes, uma pessoa sente-se solitária quanto a passar por um acontecido ou um sentimento em específico, mas, ao expor no

grupo, percebe que o sentimento é comum a outros e, ao saber que outra pessoa lida com isso também, ela pode sentir-se mais fortalecida.

Em práticas grupais voltadas para *Recovery* e *Empowerment*, descobrem-se os sentimentos em comum e isso traz alguma possível leveza na lida. E não só a voz que ali fala no grupo, mas qualquer outra pessoa, esteja ela passando por um momento de sofrimento ou não – e mais ainda em momentos como os que se tem vivido atualmente, não somente pela pandemia, mas por tantos adoecimentos ocasionados por fatores sociais.

Nas experiências do Projeto, este encontro com o outro traz a possibilidade de ressignificação e autoconhecimento, a partir das vivências e da visão do outro. Tal ressignificação produz não apenas o autoconhecimento, mas também, naturalmente, a empatia.

Define-se por empatia, a capacidade de colocar-se no lugar do outro, sentir a mesma emoção que o próximo e entender os eventos a partir de seu ponto de vista, o que implica em uma mudança de perspectivas (PEIXOTO, MOURÃO e SERPA JUNIOR, 2016), “sendo a chave para a sensibilidade ao contexto e a compreensão da doença e do sofrimento” (AGUIAR et al., 2012, p.161). Quando o sujeito é ouvido e percebe que sua fala gerou sentimento de empatia, cria-se uma relação de segurança e de abertura ao diálogo, onde o cuidado se produz de forma coletiva na multiplicidade e nas singularidades.

Em tempos de pandemia, com a impossibilidade do encontro face a face e o isolamento social como prerrogativa maior de cuidado, ressignificações importantes tornaram-se necessárias na manutenção do cuidado de si e consigo e no cuidado do outro e com o outro.

Ouvir tornou-se em pouco tempo, talvez neste momento, a importante ferramenta de manejos de situações e crises. Na impossibilidade de *estar*, fomos obrigados a *ouvir*. Para Mesquita (2014) a escuta apresenta-se como uma estratégia de comunicação essencial para a compreensão do outro. Segundo Lévinas, “a relação com o outro não poderia ser pensada como um encadeamento com um outro eu, nem como a compreensão do outro, do qual faria desaparecer a alteridade” (LÉVINAS, 1963, p.144).

E como não salientar o fato de que, em se tratando de saúde mental, por vezes empresta-se o corpo – corpo-pensamento e corpo-sensível – para que outros corpos tenham voz? Ao longo dos encontros online dos grupos do Projeto,

com o passar dos meses em isolamento social sem perspectivas de melhorias ou mudanças no panorama mundial, os corpos ganharam vozes porque as pessoas se propuseram a falar por meio deles na medida em que eram sensíveis a ouvirem uns aos outros.

O ato de cuidar, em Heidegger, encerra o “si-mesmo” na medida em que se cuida do outro a partir de como o outro passa por mim. Não se trata das próprias interpretações sobre o que se ouve do outro, mas sim, como cada corpo, que também sofre a ação do isolamento social reage ao que é ouvido. A capacidade plástica de se reinventar tornou-se prerrogativa maior no ouvir, discernir, absorver e devolver diálogos saudáveis na condução dos grupos de cuidado durante o período de pandemia, não perdendo o norte filosófico em Heidegger (2008) que afirma que só há cura quando existem e coexistem as possibilidades de “dedicação” e “cuidado com o outro que tem vida”.

Pessoas com problemas em comum, que partilham do mesmo tipo de adversidade, percebem-se umas nas outras e enxergam umas às outras. Para uma leitura leiga, o Comum pode ser entendido como corriqueiro, usual ou trivial e para a psicanálise isto poderia ser lido do ponto de vista da identificação que reforça algum narcisismo. No entanto, na esquizoanálise e filosofia da diferença, traz-se este encontro com o Comum como dispositivo produtor do aumento da potência de vida (Nietzsche, 2011). Trata-se da produção de potência viabilizada pela repetição na diferença, ou pelo que o escritor Manoel de Barros trouxe sobre “repetir, repetir – até ficar diferente”.

3.2 Vozes-espelho: os grupos de ajuda por pares

Os grupos do Projeto vêm com a proposta da escuta, do respeito, da confidencialidade e da liberdade para trazerem os assuntos que geram dor e sofrimento psíquico. Ocorre que, muitas vezes, alguém que está no lugar de escuta já passou ou até mesmo está passando pela mesma situação ou vivendo emoções semelhantes, favorecendo a troca de experiências e a possibilidade de receber ajuda de seus pares. É algo de grande importância dentro dos grupos, pois além dos sujeitos serem ouvidos, eles também escutam o outro e percebem a mesma cena a partir de outro ângulo, tendo outro olhar, tendo o outro como olhar para perceber o Comum.

Neste tipo de estratégia de *Recovery* e *Empowerment*, não há uma pessoa no grupo que ajudará e outra que será ajudada; não há a marcação de um lugar

para uma pessoa doente e outro lugar para uma pessoa saudável. Essa relação ocorre de forma horizontal, igualitária.

Espinosa (2005) compreende o homem como um ser que se constitui na relação. Essa constituição relacional se dá por meio dos encontros nos quais o corpo é afetado de inúmeras maneiras pelas quais a sua potência de agir é aumentada ou diminuída. É nesta perspectiva das relações que o presente estudo crítico-reflexivo traz Paulo Freire para contribuir na elaboração sobre a Promoção da autonomia em Saúde Mental - ao instigar a horizontalidade, valorizando a escuta como parte fundamental das relações dialógicas. Para Freire (2016), o pensamento de que alguém é “detentor da verdade” e do “saber articulado” configura um caminho unidirecional do conhecimento, destoando do cuidado horizontal - onde ambos os sujeitos são aptos a produzir conhecimento e mudanças, e a autonomia é exercida.

Os grupos de suporte mútuo e ajuda mútua são estratégias diferentes entre si, tendo ambos a perspectiva de ajuda por pares.

Começando por explanar sobre os grupos de ajuda mútua que tiveram início na década de 1930 com a criação dos Alcoólicos Anônimos (AA), destaca-se que este tipo de grupo não vai de encontro com o Projeto de Extensão aqui explorado, uma vez que os AA se voltam mais para a ideia de recuperação, com abordagens de juízo moral (CALDAS; COSTA, 2015). O que os grupos de ajuda mútua têm em comum não é a estratégia do AA baseada no Método Minnessota, mas sim o fato de que é voltada para pessoas que experienciam dificuldades similares, que reúne o sujeito de modo a colocá-lo no encontro com o comum.

Já os grupos de Suporte Mútuo são voltados para a organização de atividades comunitárias, de lazer, de luta por direitos ou de outros objetivos que estejam relacionados à vida em comunidade. Vasconcellos (2013) afirma que o Suporte Mútuo pode surgir dos grupos de ajuda mútua, onde as pessoas se conhecem e identificam interesses em comum. Mas a definição, o planejamento e a operacionalização dessas ações no meio social ocorrerão no âmbito do Suporte Mútuo, com reuniões voltadas especificamente para isto, não substituindo os encontros de ajuda mútua. Por isso, os grupos do Projeto de Extensão possuem mais relação com a ideia de grupos de ajuda mútua do que de suporte mútuo.

Uma vez tendo afirmado como o relativo Projeto desenvolve grupos mais especificamente de ajuda mútua do que de suporte mútuo, pode-se elucidar que estes são espaços de acolhimento e troca, onde os próprios participantes são criadores do processo, que se materializa através do conhecimento da experiência e do apoio emocional, tendo como resultado a contribuição no enfrentamento de dilemas e desafios do cotidiano. Trata-se de um meio que estabelece uma relação horizontal e não hierárquica, que permite o autoconhecimento e a criação de diálogos, dando a todos os participantes a mesma voz, sem nenhuma distinção ou estigmatização e dispondo sempre de respeito pelas diversidades (MIRANDA, PIMENTEL e VILLARES, 2014).

3.3 Produção de Resiliência por pares: *Vozes-espelho*

Na experiência do projeto, o encontro com o Comum é catalisador da produção de resiliência, através da partilha com pessoas que, no decorrer da reunião, notam que passam por adversidades parecidas e que ainda assim cada um as vivencia à sua maneira. Neste sentido, fortalece-se a importância da noção de grupo de suporte por pares.

Desde o momento do nascimento, o ser humano está suscetível a vivenciar múltiplas experiências, algumas que inspiram contentamento, e outras que causam desconfortos. Sobre os sentimentos antagônicos que são experienciados ao decorrer da vida, existe um ditado que descreve que “a vida é como os batimentos cardíacos – se não houver altos e baixos, significa que você está morto” (TEIXEIRA; SANTANA, 2015).

Pesce et al (2004) afirma que a resiliência representa um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam o desenvolvimento de uma vida sadia, mesmo vivendo em um ambiente não sadio (SORDI; MANFRO; HAUCK, 2011). Dessa forma, é possível notar que o bem-estar está mais atrelado a uma postura interna, do que o contexto que se está inserido; podendo a resiliência ser entendida como um processo de superação, o que não representa a ausência do problema, mas sua ressignificação (PESCE et al, 2004).

A Resiliência não é uma característica biológica ou congênita e sim uma característica fabricada no contexto psicossocial. Assim, um grande incentivo para a busca da mesma é a declaração do psiquiatra Michael Rutter de que a resiliência pode ser desenvolvida em qualquer idade. Neste sentido, reconhece-

se que as práticas de saúde mental devem ser empregadas como ferramentas para ampliar a resistência do indivíduo a conflitos durante a vida (GUILLESPIE, 2009). Sendo assim, como construto psicológico, a resiliência pode ser definida como a adaptação pessoal bem-sucedida a situações adversas. Desta fazem parte tanto os aspectos intrapsíquicos, ou seja, os recursos internos do indivíduo, como os aspectos externos, por exemplo, o meio social e afetivo. A resiliência corresponde a uma resposta complementar à vulnerabilidade, que leva à flexibilidade e à adaptação, contrapondo-se à ideia de invulnerabilidade e invencibilidade (LARANJEIRA, 2007).

Através da troca de experiências que ocorre nos grupos, seja presencialmente, seja virtualmente, é possível, além de conhecer a experiência do outro, que o sujeito conheça mais a si próprio, sendo possível alcançar uma autonomia - ou reencontrar, reconstruir -, autoconfiança e autoconhecimento. Associado a isto, também está intrínseca a criação de laços e o desenvolvimento de confiança pelos outros participantes. Esta interatividade permite que o sujeito se sinta pertencente e, através do que adquire e explora, consiga enfrentar adversidades que antes via com mais dificuldade (NUNES, 2009).

O encontro com pares é um caminho para a descoberta coletiva das diferentes formas de lidar com as adversidades, a partir do exercício da reflexão mútua sobre possíveis maneiras de se concebê-las, manejá-las ou enfrentá-las com menos solidão nesta experiência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo atendeu a seu objetivo, tendo construído uma reflexão crítica sobre o encontro com o Comum e a Alteridade enquanto componentes da experiência no âmbito dos Grupos de Recovery e Empowerment em Saúde Mental.

Ver no outro experiências e dores parecidas ajudam para que cada um valide sua própria experiência, atribua legitimidade a ela, construa o contato com *feedbacks* úteis e desenvolva resiliência.

Os grupos permitem a produção de experiência de aprendizado para os que participam, seja no momento de fala, seja no de escuta. No momento em que se fala, é possível acessar memórias, histórias, sentimentos e, neste movimento, diminuir a resistência e a tendência de guardar as emoções, que

muitas vezes são tidas como sem valor em uma sociedade que ensina que se deve reprimi-las. Ao se permitir compartilhar o resultado das vivências particulares sem temores - pois nesse espaço eles não existem -, muitos nós se desatam. Através dessa troca é possível se reconectar com um coletivo que deve estar em constante movimento instituinte para a produção de potência de vida.

A construção crítica deste estudo sobre a experiência do encontro com o Comum e a Alteridade a partir do Projeto de Extensão de Grupos de *Recovery e Empowerment* da EEAAC/UFF reafirma o papel da Universidade e de práticas de Extensão como dispositivos estratégicos para a emancipação dos modos de se conceber as experiências humanas, reforçando a necessidade da oferta de estudos que venham a fomentar e orientar práticas de *Recovery*.

Como contribuição para a prática, o conhecimento aqui apresentado recomenda a construção de espaços que fomentem a partilha do sensível, o encontro com o Comum pela troca de experiências que conduzam ao autoconhecimento, ao autocuidado, e à validação das experiências psíquicas e emocionais.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Maria Isis Freire de et al . Competências do enfermeiro para promoção da saúde no contexto de saúde mental. *Acta paulista de enfermagem*, 25(2): 157-163, 2012.
- ANASTÁCIO, Camila Cardoso; FURTADO, Juarez Pereira. Reabilitação psicossocial e recovery: conceitos e influências nos serviços oferecidos pelo sistema de saúde mental. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.4 , n.9, p. 72-83, 2012.
- CALDAS, Cimara Bandeira de Sousa; COSTA, Raul Max Lucas da. Discutindo o processo grupal em Alcolicos Anônimos. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, v. 2, n. 6. 2014.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. Mil platôs. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DOCHERTY NM, DINZEO TJ, MCCLEERY A, BELLI EK, SHAKEEL MK, MOE A. Internal versus external auditory hallucinations in schizophrenia: symptom and course correlates. *Cogn neuropsychiatry*. v. 20, n.3, p.187–197. 2015.
- ESPINOSA, Baruch. Ética e tratado político. São Paulo: Nova Cultural, 2005 - (Coleção Os Pensadores).
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. 54ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 2016.

GILLESPIE, Charles et al. Risk and Resilience: Genetic and Environmental Influences on Development of the Stress Respons. *Depression and anxiety*, v. 26, n.11, p. 984-92. 2009.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo, Parte I e II. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LARANJEIRA C. A. S. de J. Do invulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília. v, 23, n .3, p. 327-332. 2007.

LÉVINAS, Emmanuel. Entre nós. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

LÉVINAS, Emmanuel. Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl. Paris: Vrin, 1963.

LONGDEN, Eleanor; CORSTENS, Dirk; DILLON, Jacqui. Recovery, discovery and revolution: the work of Intervoice and the hearing voices movement. In: Madness contested: power and practice. COLES, Steven;, KEENAN, Sarah, DIAMOND, Bob. ROSS-ON-WYE: PCCS Books; 2013.

MESQUITA, Ana Cláudia; CARVALHO, Emilia Campos de. A Escuta Terapêutica como estratégia de intervenção em saúde: uma revisão integrativa. *Revista da escola de enfermagem da USP*, São Paulo, 48(6): 1127-1136, 2014.

MIRANDA, Anna Meireles Pavarin; PIMENTEL, Fernanda de Almeida; VILLARES, Cecília Cruz. Anjos de uma asa só: processos de superação na esquizofrenia em um grupo de ajuda mútua. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, v. 23 n. 48, p. 64-79, 2014.

MOREIRA, Herivelto. Critérios e estratégias para garantir o rigor na pesquisa qualitativa. *Revista brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p. 405-424, jan./abr. 2018.

MUNIZ, Marcela Pimenta; ABRAHÃO, Ana Lúcia; TAVARES, Claudia Mara de Melo. A assistência de enfermagem em tempos de reforma psiquiátrica. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, v. 13, n.1, p.61-65, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. Vontade de potência. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

NUNES, Ana Clara Pica. Promovendo a ajuda mútua em saúde mental. Dissertação de especialização. Beja: Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Beja, 2009.

OLIVEIRA, Marília de Fátima Vieira de; CARRARO, Telma Elisa. Cuidado em Heidegger: uma possibilidade ontológica para a enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 64, n. 2, p. 376-380, 2011.

PEIXOTO, Mônica Monteiro; MOURÃO, Anna Carolina das Neves; SERPA JUNIOR, Octavio Domont de. O encontro com a perspectiva do outro: empatia na relação entre psiquiatras e pessoas com diagnóstico de esquizofrenia. *Revista Ciência e saúde coletiva*, v. 21, n. 3, p. 881-890, 2016.

PESCE, Renata et al. Risco e Proteção: Em Busca de Um Equilíbrio Promotor de Resiliência. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 20, n.2, p. 135-143, 2004.

PORTELA, Margareth Crisóstomo; LIMA, Sheyla Maria Lemos; MARTINS, Mônica; TRAVASSOS, Cláudia. Ciência da Melhoria do Cuidado de Saúde: bases conceituais e teóricas para a sua aplicação na melhoria do cuidado de saúde. *Caderno de Saúde Pública*. v.32, n. 2, p. 105815, 2016.

SILVA Francisco Airton Bastos; MARTINS Silva. O eu e o outro- estudo teórico contemporâneo acerca da alteridade como campo dinâmico do ser e fazer antropológicos. Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília. 2018.

SORDI, Anne; MANFRO, Gisele; HAUCK, Simone. O Conceito de Resiliência: Diferentes Olhares. *Revista brasileira psicoterapia*, v. 13, n. 2, p.115-132, 2011.

TEIXEIRA, Luan; SANTANA, Lídia. Um olhar sobre a resiliência na visão de gestores e colaboradores. *Revista de Iniciação Científica, RIC Cairu* v. 2, p. 14-32, 2015.

VASCONCELLOS, Eduardo Mourão; WEINGARTEN, Richard; LEME, Carla Cavalcante Paes; NOVAES, Patrícia Ramos. Reinventando a vida: Narrativas de recuperação e convivência com o transtorno mental. São Paulo: Hucitec; 2014.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão (coord.) Cartilha de ajuda e suporte mútuos em saúde mental: para participantes de grupos. Rio de Janeiro : Escola do Serviço Social da UFRJ; Brasília: Ministério da Saúde, Fundo Nacional de Saúde, 2013.